



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - PARFOR

EUGÊNIA PATRÍCIA LOBATO MORAES

MEMÓRIA: CAMINHOS PERCORRIDOS DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL À VIDA ACADÊMICA

Abaetetuba/PA

2018

EUGÊNIA PATRÍCIA LOBATO MORAES

MEMÓRIA: CAMINHOS PERCORRIDOS NA MINHA HISTÓRIA DE VIDA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL À VIDA ACADÊMICA

Memorial apresentado como exigência para obtenção de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia (2014), à Banca Examinadora da Universidade Federal do Pará. Orientadora: Profª Msc. Edilma Neves.

Abaetetuba/PA

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M827m Moraes, Eugênia Patrícia Lobato.
Memória: caminhos percorridos da minha história de vida na
educação infantil à vida acadêmica / Eugênia Patrícia Lobato
Moraes. — 2018.
32 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Edilma Neves
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Formação acadêmica. 2. História de vida. 3. Educação
na infância. I. Título.

CDD 370

EUGÊNIA PATRÍCIA LOBATO MORAES

MEMÓRIA: CAMINHOS PERCORRIDOS DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL À VIDA ACADÊMICA

Memorial apresentado como exigência para obtenção de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia (2014), à Banca Examinadora da Universidade Federal do Pará. Orientadora: Prof^a Msc. Edilma Neves.

Em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Professora Msc. Edilma Neves

Professor (a) universidade

Professor (a) universidade

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família...

A meu pai João Batista Costa Moraes (in memória).

A minha mãe Maria das Graças Lobato Moraes, a qual em muitos momentos que durante o curso cuidou dos meus filhos.

Aos meus filhos Karla, Karen e Karlos, que cuidaram uns dos outros na minha ausência. Além de me darem forças para não desistir mesmo diante das dificuldades.

As minhas irmãs Thaís e Cynthia pelo carinho e apoio.

Aos meus irmãos Marcelo, Júnior, André e Vitor pelo incentivo e colaboração durante essa etapa.

As minhas cunhadas Lígia, Marcicleide, Simone e Dhinnifer pelo incentivo e carinho.

A Domingas que na minha ausência cuidou dos meus pais e dos meus filhos.

Aos meus cunhados Rosemiro e Eduardo pelo incentivo

As minhas amigas e colegas Maria Madalena e Regina Pimentel por estarem juntas nesse período acadêmico.

A todos os funcionários da Creche Municipal Francisco Maués Carvalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me conduzido até aqui durante esta jornada.

Ao Plano de Formação de Professores - PARFOR, pois através dele consegui realizar o sonho de ingressar em uma universidade.

Aos professores do curso que realmente contribuíram de forma significativa para minha formação.

A minha orientadora Edilma Neves pelo empenho e incentivo prestado durante a elaboração do memorial.

E, finalmente, agradeço a minha família, principalmente aos meus pais e meus filhos pelo apoio, incentivo e carinho.

“... tentei não apenas descrever minha experiência passada: tentei deixar que essa experiência falasse de si, tentei pensá-la...”

Magda Soares (1981)

SUMÁRIO

- 1- INTRODUÇÃO.....
- 2- CAPÍTULO 1: INÍCIO DE TUDO: A INFÂNCIA.....
- 3- CAPÍTULO 2: MAGISTÉRIO: PRIMEIROS PASSOS PARA A MINHA
PROFISSÃO
- 4- CAPÍTULO 3: A GRADUAÇÃO: A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO E A
FORMAÇÃO NECESSÁRIA
- 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 6- REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Ser professor é dar vida à ideia de competência, também é a capacidade de abstrair o contexto de transportar-se o que se sabe para, com responsabilidade, construir a formação humana. “A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele”, como propõe Arendt (2000, p. 247).

A preparação acadêmica universitária é imprescindível para a vida docente. Esse período enriquecedor é um campo propício para o crescimento, para o aperfeiçoamento da prática ensino-aprendizagem e daquilo que Perrenoud (2002, p. 22) designou de “saberes a ensinar e saberes para ensinar”. Nesse sentido, após dez anos na carreira pedagógica, fui contemplada com uma vaga para estudar Pedagogia, através da Plataforma Freyre, no ano de 2014; e me aperfeiçoar e adquirir novos conhecimentos que me proporcionam novas descobertas, novas tecnologias e ferramentas que fomentam minha competência associada à capacidade de mobilização dos recursos que se dispõem na atual realidade do ensino brasileiro. A formação universitária foi, assim, uma fonte rica de saberes, não só os voltados para a área da prática docente em si, mas também entender melhor o mundo e o contexto social, cultural, econômico e político e seus engendros.

Somadas as experiências dos anos exercidos junto às escolas da comunidade e os novos conhecimentos que se fizeram revestir durante esses quatro anos de estudos na Universidade Federal do Pará, o resultado é enriquecedor, pois sinto-me apta e disposta a enfrentar os problemas comuns ao dia-a-dia de um docente e enfrentar variadas situações que se apresentam, em uma sociedade cada vez mais implicada por problemas de toda ordem.

Não há dúvida de que o professor é o mediador da atividade ensino-aprendizagem. E, para tal fim, e sob esse aspecto, o meu autobiográfico se faz valer pelo meu princípio, pela minha força que motiva o meu desenvolvimento pela atividade social, de estímulo a meus semelhantes, principalmente, as crianças e adolescentes que visam a transmissão de novos conhecimentos. Essa impulsão me fez forte para seguir a profissão exercida muitos anos pela minha mãe, inspiradora desse ímpeto. Nesta narração de minha própria memória recorro ao meu passado, à

minha vida infantil onde quase tudo me foi sedimentado e de onde extraí meu grande sonho de um dia me tornar uma educadora, para seguir com firmeza esta minha trajetória pessoal entre o sonho e a realidade. Não se pode perder de vista o que se tem para alcançar o êxito daquilo que se almeja, principalmente, quando o propósito é ajudar construir vidas conscientes nas situações imediatas em que nós nos encontramos na condição humana de ensinar. Minha condição é acolher, é transmitir afeto, segurança e conhecimento para o enfrentamento desafiador do atual contexto. É saber reconhecer diferenças na vida da escola e da sociedade.

Sei que ensinar exige critérios, ações educativas que existem no fazer pedagógico. E, seguramente, posso afirmar que deve se firmar em valores imutáveis: a ética, o respeito, a responsabilidade, a solidariedade, entre tantos outros. Pensando assim, procuro me esforçar ao máximo, transmitindo amor a minha profissão, planejando o melhor para os alunos, agindo corretamente, com o objetivo de alcançar o melhor resultado para eles. Assim, assevera Paulo Freire (2011):

Se a experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar o que é formador é o sujeito a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de viver e compreender o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto do meu ato formador. (FREIRE, 2011, p. 24-25).

Dessa forma, minha trajetória envereda pela entrada das minhas reminiscências - imagem lembrada do meu passado, à verdade contemplada pelos meus estudos acadêmicos no PARFOR até a concretização da minha vida docente/pedagógica. (Aprofundamento, aperfeiçoamento no meu fazer pedagógico).

O conteúdo deste presente memorial retrata as fases de minha vivência pessoal correlacionada ao contexto histórico em que vivi e vivo inserida. Para esse fim, tracei alguns passos, de forma cronológica, os quais organizam o conteúdo deste material.

Procurei descrever momentos marcantes para mim, desde a infância até a profissional que me tornei, sempre em constante aperfeiçoamento. Nesta busca, pude identificar fatos de minha vida escolar que me influenciaram a caminhar para a

docência; descrever os desafios da profissão e analisar minha vida docente na perspectiva de transformação, possibilitada a partir de minha formação acadêmica.

Neste sentido, foram importantes as referências de um aporte teórico baseado em Nóvoa (1997), LIBÂNEO (1994) e FREIRE (1996), fundamentação indispensável para se chegar à conclusão de que a formação é considerada significativa ao professor quando há maior articulação entre teoria e prática. Esse arcabouço teórico e toda prática envolvida durante o curso, sem dúvida alguma transformaram para melhor meu processo de formação.

CAPÍTULO I

INÍCIO DE TUDO: A INFÂNCIA

Nessa fase da vida, os pais devem ser as pessoas mais comprometidas com a educação de uma criança. Tive a sorte de ter uma família que sempre me incentivou. Meus pais eram professores, então pude conviver com ótimas referências, tanto do lado profissional quanto pessoal, afinal havia compreensão e amor envolvidos em uma tarefa em que, na maioria das vezes, dá trabalho: a tarefa de educar.

Ao pensar no que é infância, automaticamente me vem à mente o brincar, o descobrir e o ser feliz. Considero uma fase sem preocupações quando bem vivida, aproveitada, respeitada e conduzida. Por isso, um dos principais direitos da criança é o brincar. Freidman (1995), afirma que “brincar e jogar, são meios de expressão e crescimento da criança.

Nos primeiros anos frequentei a escola infantil, comumente chamado de Jardim de Infância, no Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA), escola religiosa, administrada pelas Irmãs Missionárias Capuchinhas, localizada no centro da cidade de Abaetetuba. O uniforme da instituição era azul e branco, sempre padrão. As salas de aula eram grandes e arejadas. Eu era uma aluna tímida e de poucas amigas e o parque, presente no interior da escola, era o local onde eu mais gostava de estar.



Imagem 1: Instituto Nossa Senhora dos Anjos

Fonte: Blog Ademir Rocha - 13/12/2011

A brincadeira é algo que pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada brincadeira, o mundo que a cerca.

O ato de brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro e com o mundo. De acordo com Vygotsky (1991):

A interação social da criança se constrói através da sua relação com o meio, ou seja, é através da aquisição de conhecimentos que esta interage com a realidade que a cerca, desenvolvendo-se, aprendendo e processando internamente as diversas visões de mundo com as quais convive.

É pelo brincar que as crianças se expressam e se comunicam. Uma das necessidades da criança, é que a vejam como alguém de importância emocional que precisa de respeito, proteção e, principalmente, amor.

As brincadeiras de criança como pira-esconde, casinha, roda, cabo de guerra, boca-de-forno fizeram parte do meu universo infantil. Vale ressaltar que em todas essas brincadeiras a diversão era garantida, com muita alegria, sem nenhum tipo de violência.

O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo com o outro, com o mundo, pelo brincar que as crianças se expressam e se comunicam. É através das brincadeiras que elas começam a experimentar e a fazer imitações. Para Vygotsky (1991):

O desenvolvimento humano é baseado na ideia de um organismo ativo, ou seja, a criança reconstrói internamente uma atividade externa como resultado de processos interativos que se dão ao longo do tempo, pois a mesma aprende tanto na área familiar quanto nas posturas de professor, portanto, ela precisa ser estimulada com exemplos positivos, pois copia o que ver.

No meu caso, carrego lembranças dos fatos que marcaram de forma bastante afetiva minha infância, podendo, assim, considerar que esta foi rodeada de carinho, atenção e estímulos. Sei que, infelizmente, nem todas as crianças têm a oportunidade de ter uma infância plena, as vezes por falta de recursos financeiros e oportunidades, outras pela indiferença da família e até mesmo dos próprios pais. Lembro-me do cuidado e carinho com que meus pais me tratavam, além de terem sido, literalmente, meus mestres. Minha mãe era professora de Língua Portuguesa e meu saudoso pai, João Batista Costa Moraes, era professor de C.F.B. Lembro do incentivo nos estudos, de forma incessante. Escrevo isto, pois houve um episódio em que fui obrigada a escrever cem vezes em meu caderno “eu não trouxe o material do trabalho”, por ter esquecido uma solicitação do professor da disciplina de Educação Artística. Fiquei triste e aborrecida, mas meus pais me ajudaram a ser mais responsável e comprometida com minhas tarefas, sempre. A atitude do professor condizia com o que existia de mais tradicional à época. Hoje, avançamos, mas ainda há muitos caminhos a serem desbravados.

Mudança de endereço, mudança de escola. Foi o que aconteceu comigo quando passei a cursar a 1ª série do Ensino Fundamental. Fui matriculada na escola Leônidas Monte.

Nessa escola, não apresentei dificuldades para me adaptar, quanto às normas, regras, novas amizades. No entanto, quanto à atividade da leitura, mesmo tendo frequentado a educação infantil em uma escola particular, foi um longo caminho até eu aprender a ler de fato. A forma como aprendemos a ler na infância determina os usos que lhe damos na idade adulta. Se a ênfase é dada apenas à parte mecânica, será difícil, para o aprendiz perceber a gama de possibilidades e

significados, julgando a leitura um meio para fins restritos. A leitura exerce um papel fundamental não só na pré-escola, mas também nas demais etapas do processo escolar pela parcela de responsabilidade na formação do leitor. A falta de leitura provoca problemas graves na expressão escrita, dificultando o ensino-aprendizagem, por exemplo, da redação. O hábito de leitura, contudo, só consegue ter êxito se associado ao prazer, ao jogo e à arte, de modo que o leitor se sinta motivado em contato com formas de comunicação que caracterizam a arte da palavra.

Atribuo essa dificuldade à educação tradicional que recebi, baseada em apenas depositar informações, o que Paulo Freire (1996) chama de educação bancária:

Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem paciente-mente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIREp.57. 1996).

Definitivamente, nem em arquivos ficou a memória da leitura, como se eu pudesse ir lá e acessá-los. Eles não existiram porque não houve aprendizagem. Segundo Soares (2001), o aprender a ler, escrever e tornar-se um sujeito alfabetizado traz grandes consequências culturais, sociais e políticas na vida do indivíduo. O processo de ensino aprendizagem da leitura é sem dúvida, muito instigante e desafiador, tanto para o aluno como para o professor. Adquirir a capacidade de ler significa sobretudo a condição de compreender um mundo que vai se mostrando cada vez maior e mais surpreendente. São nessas descobertas que alguns alunos apresentam mais dificuldades do que os outros. Hoje, percebo que ainda há muitos caminhos a serem desbravados.

Como professora, sei que é fundamental que os laços afetivos sejam levados em consideração para que os alunos tenham a possibilidade de obter um desenvolvimento integral, tendo em vista a relação ensino-aprendizagem a partir de uma visão integradora do ser humano. Nesta perspectiva, considero que a afetividade, que se expressa na relação vincular entre aquele que ensina e aquele

que aprende, constitui elemento inseparável e irreduzível das estruturas da inteligência.

Segundo Aries, "o sentimento de infância, não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem" (ARIES, 1978: 99)

A infância é a sustentação para o adulto. Assim, a criança que não tem tempo para brincar, não tem tempo de ser criança e viver a infância, acaba por "pular" a mais importante das fases do desenvolvimento humano. Garantir tempos e espaços apropriados tanto para o livre brincar quanto para o brincar dirigido da criança é garantir o direito dela se desenvolver plenamente, de modo saudável.

Nesse sentido a formação docente é essencial, visto que o professor está diante de padrões que se mostram em conflito com o surgimento de novas demandas para o trabalho educacional, as quais se colocam em função de contextos sociais e culturais diversificados, após cem anos de trajetória histórico-social e cultural. Trajetória essa afetada, em particular, pelo desenvolvimento de novas formas de comunicação e das tecnologias como seu suporte, e, novas formas de trabalho e de relações produtivas. Libâneo (2011) defende a necessidade dos educadores de se apropriarem da tecnologia e da comunicação provocando uma reflexão, no qual os alunos possam elaborar e transformar as ideias, sentimentos, atitudes e valores.

A prática educativa não se reduz à escola e ao ensino. A intervenção educativa ocorre em muitos lugares, mediante variadas formas, por meio de diversas agências. Há, portanto, agentes educativos convencionais-família, escola, comunidade-, como há instituições sociais, culturais, civis, recreativas, meio de comunicação etc. A escola, portanto, não detém o monopólio do saber. (LIBÂNEO, 2011. p.57)

Para tanto, o professor deve estar atento, afim de que possa refletir sobre a relação com as necessidades sociais e educacionais das novas gerações, sua relação com perspectivas político-filosóficas quanto ao papel da educação escolar, sobre suas relações e contribuições com visões de futuro, e, mesmo, sobre suas relações com os conhecimentos a serem tratados nesse nível de educação. Lembrando Freire (1996), ao expressar que o ensinar não se limita apenas em

transferir conhecimentos, senão também no desenvolvimento da consciência de um ser humano inacabado em que o ensinar se torna um compreender a educação como uma forma de intervir na realidade da pessoa e do mundo.

Para isso, postula Nóvoa (1992), o professor necessita estar em permanente atualização profissional, isto é, a formação:

Deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, p. 15.1992)

A formação docente precisa ser continuada para que o professor se sinta capaz de preparar o aluno em um ser ativo e responsável pelas diferentes formas de construção de conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista a constante transformação da sociedade. E isso ocorre pelo conhecimento humano que se constrói em diferentes aspectos e novas formas de produção, principalmente na educação.

CAPÍTULO II

MAGISTÉRIO: PRIMEIROS PASSOS PARA MINHA PROFISSÃO.

Cursar o magistério não foi uma opção, foi uma decisão difícil face às circunstâncias. Inexperiente e com aulas, sem metodologias que me causassem interesse, não conseguia me ver trabalhando como docente. Uma das disciplinas em que mais tive dificuldades foi a de Psicologia da Educação, com seus autores e conceitos completamente desconhecidos para mim e, acredito que até para a professora, pois a forma como trabalhava, ou seja, a metodologia utilizada por ela, fazia com que ela repetisse inúmeras vezes determinadas sentenças, aparentando dúvida sobre o que tentava explicar ou não havia se preparado para a aula.

Durante o estágio de observação, a percepção sobre esses aspectos ficava mais clara a cada dia. Para o professor que está sendo observado, há uma desconfiança muito grande, em cima das anotações que o estagiário faz

O estágio é uma forma de introduzir o estudante na escola, com o auxílio de guias experientes que possam orientá-lo e auxiliá-lo na solução das dificuldades que venham a surgir. Há uma tendência dos professores em considerar estágios como forma de interferência no seu trabalho e por isso se sentem desconfortáveis com a presença de observadores na aula. O estágio só serve para o aluno quando ele pode se sentir um elemento da escola e não estranho a ela. Faz parte da formação docente alguém guiar o aluno para que possa colocar em prática o que foi aprendido na teoria, e discutir os erros e os acertos. Isso é importante para que o futuro professor desenvolva uma visão crítica sobre a prática no ensino.

A capacitação do indivíduo para o trabalho docente se constitui em um ato educativo de criatividade e inovação. Mais que isso, segundo Libanêo (2001), em seu livro a “Arte de formar-se” é:



Um

investimento pessoal de busca de conhecimento: Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas, profissionais, religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade em que se vive [...] é participar do processo construtivo da sociedade [...] na obra conjunta, coletiva, de construir um convívio humano e saudável (LIBANIO, 2001, p. 13-14).

IMAGEM 2: Escola Bernardino Pereira de Barros

Fonte: Blog do Ademir Rocha - 18/03/2012

A ação docente é uma atividade que envolve teoria e prática, sendo que, o estágio nos cursos de formação de professores, não pode ser visto apenas como uma atividade prática, na qual se observa professores e realiza intervenções que representam reproduções resultantes dessas observações. Constitui espaço de aproximação da realidade e atividades teóricas. A dissociação entre teoria e prática conduz ao empobrecimento das práticas escolares. Segundo Pimenta e Lima (2010), enquanto atividade teórica, o estágio necessita contemplar conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade.

Acredito que duas características fundamentais podem ser encontradas nos bons professores: gostar de aprender e ter vontade de ensinar. Quando falo em gostar de aprender, quero dizer que é preciso estar sempre pronto para encontrar com o inesperado, para os resultados imprevistos, para os efeitos que nos surpreendem, para as mais diversas atitudes diante dos fatos. Por mais que a aula esteja preparada, o resultado que ela produz é da ordem do inesperado. Quanto a gostar de ensinar, significa investir no outro, justamente para que ele possa superar o que é fornecido pronto e acabado, para cultivar no outro uma autonomia progressiva que o leve, justamente, a não precisar de quem ensina, no caso, o professor.

Exercer o ofício de ensinar me ensina. Aprendo, de verdade, a cada dia. Aprendi a ser professora com aqueles que foram meus professores e aprendo continuamente com os meus alunos. Apesar de ter que lidar cotidianamente com incertezas, descontinuidades e subversões e, ao mesmo tempo, inventar saídas rápidas para isso. É um exercício marcado por impasses, mas também por descobertas.

Nóvoa (1992) sinaliza ainda, que:

Para a formação de professores, é indispensável que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional, na dupla perspectiva do professor individual e do coletivo docente. Além disso, que o trabalho possibilite e favoreça espaço de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, promova os seus saberes e seja um componente de mudança. (NÓVOA. 1992.p.23).

Isto exige estudo e abertura para os desafios e persistência na busca do conhecimento. A profissão docente é um renovar-se todos os dias.

Nesse sentido, há a necessidade de a formação integrar-se à profissionalização de forma consciente e humanizada. Por isso, a educação continuada pode ocorrer além de escolas e universidades, em qualquer outro ambiente que traga um aprendizado. Pode ser em casa, no trabalho, no lazer. Proporcionar que os professores se atualizem e desenvolvam seus saberes, permitem-lhes articular teoria e prática, ou seja, unem conhecimentos científicos adquiridos na Universidade aliados à prática diária em sala de aula.

Entende-se, assim, que ser educador é educar-se constantemente por meio do aprendizado em que o conhecimento construído, resulta em novas relações com outros conhecimentos que, por sua vez, geram novas construções, fazendo com que a profissão docente renove-se constantemente.

Esta é uma das pedras angulares imprescindíveis a qualquer intento de renovação do sistema educativo. Discutir, então, sobre a formação do professor é discutir como manter o domínio e a qualidade do conhecimento e das técnicas que envolvem a profissão docente, a competência e a eficácia profissional. A preocupação com o desenvolvimento de uma ação educativa capaz de preparar alunos para a compreensão e transformação da sociedade, constitui um compromisso com o processo. Nesse sentido, a escola não pode mais ser vista como uma agência de transmissão de conhecimento, mas um ambiente de interação social. Portanto, atua na construção de valores e atitudes que se desenvolvem na construção da personalidade de cada indivíduo que a frequenta, conseqüentemente, tem papel crucial na formação de cidadãos, constituintes de uma República democrática, conscientes de seus direitos e deveres.

A educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada a essa compreensão e necessidade de formar pessoas que amanhã possam participar, ativamente, de iniciativas dinâmicas e transformadoras de seu entorno. Atualmente, quando se promove iniciativas desse tipo, constata-se que não só as crianças, mas parte dos adultos desconhece desde a origem do nome da própria rua até os potenciais do subsolo da região onde se criaram.

A educação não deve servir como estímulo ou trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la.

Professores conectados com as diversas esferas de atividades tornam-se, de certa maneira, mediadores científicos e pedagógicos de um território, de uma comunidade. A requalificação docente precisa ser rica, para dinamizar o confronto do ensino com as realidades vividas, colocando-os, de certa maneira, na mesma situação dos alunos que, ao escutarem as aulas enfrentam dificuldades para fazer a ponte entre o ensinado e a realidade cotidiana.

Em outra ponta está o aluno que, de acordo com Luckesi (1993):

[...] é aquele que, participando do processo, aprende e se desenvolve, formando-se como sujeito ativo de sua história pessoal quanto como da história humana. Desta forma compreende-se que o aluno é um sujeito capaz de interpretar, problematizar, dialogar, compreender e construir conhecimento (LUKESI, 1993, p. 114)

Assim se faz necessário que o educando participe ativamente em sala de aula, ou seja, que ele tenha um papel mais ativo e que não se limite a ser espectador do processo.

Isto é, os educandos devem ter papel ativo em sala de aula que colaborem de alguma forma, ou seja, que assim como o professor eles também sejam participantes, ou melhor, que “[...] são sujeitos da história na medida em que a constroem ao lado de outros seres humanos, num contexto socialmente definido” (LUKESI, 1993, p.114).

Assim entende-se que professor e aluno têm um compromisso, um papel relevante, como afirma Paulo Freire (1996):

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (FREIRE, 1996, p.86).

Nesse sentido, professor e aluno devem ter uma relação próxima, ou seja, não se tem um sujeito que sobressai e detém o conhecimento, pois tanto o educador

quanto o educando estão em constante aprendizado e mais do que isso, como a curiosidade é inerente ao ser humano, deve ser instigada, despertada, pois ajudará na construção do conhecimento.

Em minhas atividades sempre procurei incentivar a participação dos alunos para que eles aproveitassem melhor as aulas e compreendessem o que havia de proposta para aquele dia. Entretanto, essa não é uma tarefa simples, pois muitos estudantes se sentem envergonhados ou até se acomodam e preferem apenas ouvir as aulas, sem interação direta.

Por isso, é ainda mais importante que o professor tente envolver e chamar o aluno para participar do processo de ensino-aprendizado. O benefício é sentido para o estudante, que se envolve com a matéria e consegue aprender mais, para o docente, que vê os seus alunos aprendendo e para a escola, que consegue assim oferecer um ensino melhor e formar pessoas preparadas para a vida.

Desta forma, minha maior expectativa é a de que meus alunos sejam pessoas melhores e lutem por aquilo que almejam. Pretendo contribuir, como educadora, no processo de conscientização de crianças e jovens. Fazer a diferença. Desde que decidi meu futuro profissional, percebi que o melhor modo de fazer a diferença é atuar na formação dos cidadãos, ou seja, na educação.

CAPÍTULO III

A GRADUAÇÃO: A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO E A FORMAÇÃO NECESSÁRIA.

Cursar numa instituição de ensino de nível superior, para aprimorar meus conhecimentos, foi um sonho. Procurando sempre métodos de aprendizagem diferenciados, fiz minha inscrição no PARFOR, pois este programa capacita profissionais da Educação para garantir ensino de qualidade. Porém na primeira inscrição não fui selecionada, no entanto, não desisti.

Pela segunda vez, fiz a inscrição e, finalmente, consegui a vaga. Como funcionária pública da Prefeitura Municipal de Abaetetuba, lotada na Secretaria Municipal de Educação, e, com atuação efetiva no quadro do magistério local, no ano de 2014, fui contemplada com uma vaga para cursar Pedagogia, através da seleção anual do Programa do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, curso coordenado e ministrado pela Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Abaetetuba

Para mim, foi um momento de muita emoção, pois sabia que a partir daquele momento essa formação iria me ajudar a desenvolver melhor a profissão que escolhi e ter, acima de tudo, mais conhecimento. Afirma Paulo Freire: “O professor que não leva a sério a sua formação que não estuda, não se esforça para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 1996, p. 103). E eu busquei este estudo, me esforcei ao máximo pra chegar até aqui.

A turma ficou dividida em duas, sendo “A” e “B”, assim, fiquei na turma “A”-2014. A primeira disciplina foi “Filosofia da Educação”. A professora, que contava com muitos anos de experiência, contribuiu bastante com a turma, abrindo um leque de possibilidades e leituras que me subsidiaram, sem contar as histórias de vida acadêmica.

Nessa caminhada, inúmeros professores, cada um com sua forma ímpar de desenvolver suas habilidades, procuraram da melhor forma possível, contribuir para minha vida profissional. De acordo com a concepção Freiriana, a educação libertadora tem como pressuposto a seguinte premissa: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo. Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p. 79)

A busca por novos conhecimentos também foi de extrema importância para que como educadora, eu pudesse ensinar meus alunos. Percebi este fato durante todo esse trajeto. Tive erros e acertos, porém, o mais importante, é a consciência da necessidade de uma visão cada vez mais crítica, que culmine em ajustes constante, para que eu possa ensinar aos meus alunos e transformar diariamente minha práxis pedagógica.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, foi criado através do Governo Federal para promover a capacitação dos professores de todo o país e, conseqüentemente, melhorar o nível da Educação Brasileira. O Plano passou a ser conduzido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior - Capes, em parceria com os estados e municípios brasileiros, destinado aos professores da Rede Pública da Educação Básica que, apesar de atuarem na área, não tinham formação adequada ao que determinava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB.

O Parfor capacita cada vez mais profissionais para atenderem a demanda do ensino brasileiro e, com isso, assegurar uma educação de qualidade para os alunos de todos os níveis de educação básica, cumprindo uma das metas do Plano Nacional de Educação.

Este documento traz um conjunto de diretrizes e metas para a educação nacional, compreendendo um período de dez anos. Saviani (2004, p. 73) coloca que o Manifesto dos Pioneiros de 1932, lançado por Anísio Teixeira e outros intelectuais foi o primeiro esboço de um plano nacional para a educação.

Hoje, sistematizado, o PNE traz metas objetivas que buscam o desenvolvimento da educação em diferentes contextos. Por mais questionáveis que as diretrizes e metas possam ser, a ideia de termos um plano sistêmico faz com que a educação nacional ganhe destaque e se torne uma prioridade governamental.

Em relação à formação de professores, pode-se transcrever a seguinte meta expressa no PNE:

Meta 15: garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

A meta 15 está diretamente ligada a um dos projetos mais importantes do Governo Federal: o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR). Este plano foi instituído para atender às exigências do decreto n.

6755, de 29 de janeiro de 2009, que “institui a Política Nacional de Professores da Educação Básica (PARFOR).

Este plano foi instituído para atender às exigências do decreto n. 6755, de 29 de janeiro de 2009, que “institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica e disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no fomento a programas de formação inicial e continuada. (BRASIL, 2009).

O Parfor, para o cumprimento desse objetivo, passou a atuar em três modalidades: Licenciatura, voltada para professores ou tradutores intérpretes de Libras, que não possuíam formação superior ou que pretendessem realizar o curso de Licenciatura especificamente para disciplina em que atuava em sala de aula; segunda Licenciatura, disponibilizado para professores licenciados que atuassem há três anos na rede pública de educação básica.

No caso acima, não puderam participar profissionais que atuassem em áreas diferentes de sua formação inicial ou que atuassem como tradutor, intérprete de Libras na rede pública de Educação Básica; Formação Pedagógica com foco em docentes e tradutores intérpretes de Libras graduados e não licenciados que atuassem na rede pública de educação básica.

Nesse afã, em 2015, os cursos capacitaram mais de 60 mil professores de educação básica no país. Até 2016, foram implantadas 2.890 turmas, em 500 municípios, localizados em 24 unidades federais. Nesse período o Parfor atendeu professores oriundos de 3.282 municípios brasileiros e de 28.925 escolas. Até aquele ano o Programa registrava 36.871 professores cursando uma licenciatura e 34.544 formados (Dados do Parfor, disponíveis na internet).

Quando penso em desenvolvimento social e econômico, considero o nível de escolaridade que está sendo empregado. A criação de políticas governamentais que incentivam o ingresso no ensino superior funciona como uma ferramenta para a satisfação das necessidades atuais do mercado de trabalho, o que está diretamente relacionado com a promoção do desenvolvimento econômico e social.

O ensino médio já não é tido como suficiente para a qualificação do trabalhador, logo o ensino médio vem a ser apenas um passo inicial. A busca por uma melhor qualificação, passa, obrigatoriamente, pelo ensino superior.

A formação continuada do indivíduo é primordial para o aproveitamento das possibilidades que surgirão no campo profissional. Mesmo estando inserido no mercado, o trabalhador deve ser incansável na busca por novos conhecimentos. O trabalhador deve aliar conhecimento e competência com dedicação profissional o que poderá indicar a geração de uma carreira sólida.

Então, finalmente tive a oportunidade de iniciar a concretização do meu sonho, me qualificando em uma graduação em nível superior. Paulo Freire (2000) corrobora para este pensamento:

(...) os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas, às vezes demoradas. Sendo assim, devemos plantar as sementes, esse sonho de mudança nos corações das nossas crianças e a próxima geração colherá os frutos que nós plantamos. Essa é uma das qualidades do professor - Ter esperanças de que um dia tudo vai mudar e o mundo vai ficar menos feio. É por isso que volto a afirmar que as crianças precisam desenvolver essa capacidade de pensar, de se questionar, de experimentar e não apenas acatar as decisões que lhes são impostas. Para isto, no dia a dia elas precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. (FREIRE, 2000 p.58)

Na perspectiva da formação, é preciso aprender continuamente como ver a realidade, uma vez que é na prática, na troca de saberes, na ousadia da busca que se dá o aprendizado mútuo. Desse modo, é possível que o professor se torne um agente capaz de gerir o seu próprio fazer, alguém proativo, capaz de criar, relacionar, argumentar, participando no espaço escolar.

Ser professor é cumprir um importante papel, como postula Libâneo:

A formação profissional para o magistério requer, assim, uma sólida formação teórico-prática. Muitas pessoas acreditam que o desempenho satisfatório do professor na sala de aula depende da vocação natural ou somente da experiência prática, destacando-se a teoria. É verdade que muitos professores manifestam especial tendência e gosto pela procissão, assim como se sabe que mais tempo de experiência ajuda no desempenho profissional. Entretanto, o

domínio das bases teórico-científicas e técnicas, e sua articulação com as exigências concretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimorar sempre mais a qualidade do seu trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p. 28)

As disciplinas do estágio de minha formação também contribuíram significativamente para que eu tivesse um grande enriquecimento teórico e um aprendizado constante como forma de amadurecimento de minhas habilidades como docente.

A universidade me mostrou que cada um tem um potencial que você pode lapidar ou deixar adormecido, porém com toda essa experiência de quatro anos, a academia desenvolveu, em mim, a vontade de conhecer ainda mais e mudou para melhor minha vida. Ajudou a compreender a importância das teorias e práticas pedagógicas, que aliadas a um bom planejamento e embasamento teórico, só visam contribuir para o meu trabalho de educadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho foi muito importante, pois proporcionou-me momentos de reflexão, onde pude voltar ao passado, lembrar acontecimentos que foram marcantes na minha vida. Pude olhá-los com os olhos do presente e pensar o que poderia ter sido diferente, o que aprendi com eles. Ao escrever fui refletindo e vendo o quanto mudei de lá para cá, isto em todos os aspectos. Mudei conceitos, posturas, minha opinião sobre determinadas coisas, enfim amadureci como pessoa e como profissional. Graças às experiências vividas, algumas vezes errando, outras acertando, mas sempre tirando uma lição, aprendendo, buscando me aperfeiçoar

Portanto, minha trajetória de vida foi e continuará sendo uma moldura real sobre um sonho, tido, na infância, como algo inalcançável! Mas, para a conquista de um grande ideal, existem sempre grandes desafios, percalços que também me fizeram conhecer a vida e a forma de trilhá-la com perseverança e persistência.

Também pude ver o quanto este curso colaborou para este amadurecimento profissional, pois esclareceu muitas dúvidas, principalmente no que diz respeito à

Educação Infantil, à escola e às crianças. Contribuiu, também, para fazer-me mais crítica e reflexiva. Tenho claro que nós, profissionais da educação, precisamos ajudar nossas crianças a desenvolverem essa consciência crítica desde pequenos, quando eles começam a desenvolver sua personalidade, sua autonomia.

Foi espelhando-me nos meus pais professores e adquirindo conhecimento desde as primeiras séries de estudos do ensino fundamental, que me propus seguir um caminho que me conduzisse ao Magistério.

Foi o olhar para o contexto escolar; para os fatos que então a história de vida das crianças pobres, que busquei aprimorar meus conhecimentos para que pudesse, também, compartilhar de forma consciente e lúcida os ensinamentos escolares para a melhoria de vida dessas “pequenas vidas” - todas carentes de aprendizagem e de afeto do educador.

Deus, então, contemplou-me com uma chance de chegar à escola e poder ensiná-los. A princípio, pude estar com crianças das séries iniciais para a contribuir na formação deles. Depois destes primeiros passos, ganhei experiências, que trago comigo e me fortalecem para continuar. Comecei, assim, a conhecer a realidade das crianças carentes e do contexto em que elas viviam e de suas expectativas em relação às escolas públicas, localizadas nas periferias da cidade de Abaetetuba. Mas, evidentemente, faltava-me o aprimoramento e aprofundamento que os conhecimentos acadêmicos de uma universidade podem proporcionar.

Foi através da “Plataforma Freire” que ingressei na Universidade Federal do Pará, para cursar Pedagogia. Foi através dos estudos acadêmicos que pude ampliar meus conhecimentos pedagógicos e, conseqüentemente, adquirir novos conhecimentos, novas tecnologias e a utilizar ferramentas que enriqueceram a minha prática pedagógica e meu aprimoramento profissional.

A universidade fortaleceu a necessidade de compreender e desempenhar meu papel de professora, para contribuir na formação de crianças e jovens, respeitando diferenças, procurando valorizar seus sentimentos, emoções, na busca incessante da melhoria da qualidade de vida e no exercício de cidadania.

Sob esse aspecto concordo com Moraes e Torres:

Educar no sentir, pensar é educar em valores sociais, em convicções crítico-construtivas e em espírito criativo. É educar o outro na justiça e na solidariedade. É formar na ética e na integridade. É educar não somente para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, mas sobretudo, para a “escuta dos sentimentos” e “abertura de coração”. É educar para a evolução de consciências e do espírito para que o ser humano atinja um estado de plenitude, em que já não será preciso reprimir ou negar a experiência do coração, da comunhão, do sagrado, reprimidas, durante séculos, pela chamada ciência. (MORAES E TORRES, 2007, p. 16)

Assim, refletir sobre minha vida profissional, como pedagoga, requer buscar mais energia, inspirada em novos desafios advindos da comunidade que integro e da sociedade, de modo geral. Sempre buscando os melhores recursos metodológicos possíveis para que meus ensinamentos se processem de forma eficaz e progressiva na obtenção de novos conhecimentos.

Docente consciente da responsabilidade em preparar alunos para que participem ativamente como molas propulsoras na família, no trabalho e na sociedade. Na sólida vontade de transformação e na busca de direitos para o exercício da vida digna, participativa, sem diferenças, nem, tampouco, distinção de classes de gênero.

Ressalto que meu processo de formação não está concluído, não se encerra com entrega deste memorial. Como professora, estou em um crescente e um contínuo, ou seja, estou em constante formação e transformação. Como indivíduo, sou formada a cada dia, tomada pelo cotidiano das minhas tarefas.

Como educadora, me dedico ao compromisso que consigo estabelecer com os alunos e demais atores que formam a comunidade escolar, que são todos os que nela convivem e aprendem: professores, alunos, funcionários, famílias, membros da comunidade e gestores.

A escola precisa ser um ambiente de prazer, aconchegante onde o aluno goste de estar por conta do profissionalismo do professor, mas, sobretudo porque Escola é mais do que quatro paredes; é clima, espírito de trabalho, produção de aprendizagem, relações sociais de formação de pessoas.

O espaço tem que gerar ideias, sentimentos, movimentos no sentido da busca do conhecimento; tem que despertar interesse em aprender; além de ser alegre, aprazível e confortável, tem que ser pedagógico. Há uma 'docência do espaço'. Os alunos aprendem dele lições sobre a relação entre o corpo e a mente, o movimento e o pensamento, o silêncio e o barulho do trabalho, que constroem conhecimento.

É verdade que 'até embaixo de uma árvore se aprende' e para algumas coisas é até mais agradável e apropriado, como aprender sobre a terra, o chão, as pedras, uma formiga, o vento, o sol, o frio e observar o movimento circundante. Mas também é verdade que uma sala de aula, um laboratório, uma biblioteca oferece melhores condições para observar microrganismos num microscópio, resolver uma equação matemática que exige alta concentração, ficar algumas horas lendo e analisando um texto... E estudar sobre coisas distantes, que exigem atenção, pesquisa e posterior elaboração própria. Por isso, é importante que as escolas sejam espaços funcionais, produtivos e produtores de aprendizagem.

Por fim, há que se ter esperança para essa escola que tanto almejamos, como no verso de Clarice Lispector: "A esperança não é para amanhã. A esperança é este instante. Precisa-se dar outro nome a certo tipo de esperança, porque esta palavra significa sobretudo espera. E a esperança é já." Que possamos assumir essa esperança de concretizar esse sonho de construção coletiva.

Que se possa entender que uma proposta elaborada a partir de experiências, realidades e contribuições de diversos profissionais pode representar conquistas.

Que se possa transformar nossas escolas em espaços de práticas democráticas e de convivência harmoniosa.

Sabe-se das dificuldades, no entanto. Aposto nelas para atingir o sucesso.

Por isso, espero contribuir na área da educação, com o papel que desempenho junto à sociedade e junto à instituição que desenvolvo meu trabalho, para que possa trabalhar novas formas de construção do conhecimento, visando à melhoria contínua da educação, bem como do ambiente escolar

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. História Social da Criança e Família, Rio de Janeiro. LTC, 1978.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRASIL. **Decreto N° 6.755. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica**, 29 jan. 2009

DEMO, P. **Educação pelo avesso: assistência como direito e como problema**. São Paulo: Cortez, 2000.

FRIEDMANN, A. Jogos Tradicionais: Série Idéias, São Paulo: FDE, 1995, nº 7, p. 54 a 61. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000

LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora? Novas Tecnologias Educacionais e Profissão Docente**. São Paulo. Editora Cortez. 2011

- LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001
- LUCKESI, Cipriano Carlos **Filosofia da educação coleção magistério 2º grau**. Série formação do professor. 21 Ed. São Paulo: Cortez, 1993, p.109-120.
- MORAES, Maria Cândida; TORRES, Saturnino de La. Pensar sobre o olhar poético: estratégias para reencantar a Educação: Disponível em [http://www.es/sentirpensar/pdf/sentir.pensar= autoipoético.pdf](http://www.es/sentirpensar/pdf/sentir.pensar=autoipoético.pdf). Acesso 20out 2013.
- NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e formação docente**. In: **Os professores e a sua formação**, do mesmo autor. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucina. Estágio e Doc~encia. S.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- PERRENOUD, Philippe. Desenvolver competências ou ensinar saberes? A escola que prepara para a vida. Porto Alegre: Penso, 2013. 22 4 p.
- PERRENOUD, P.A prática reflexiva no ofício do professor: Profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SOARES, M>B> Letramento: Um tema em três Gêneros. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação: por uma outra política educacional**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- VYGOTSKY, LS. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Cole. São Paulo, Martins Fontes, 1991. (coleção Psicológica e Pedagogia).
- , A Condição Humana. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- Responsabilidade e Julgamento. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

----- **Concepções e práticas de formação contínua de professores. In Formação Contínua de Professores - Realidades e Perspectivas.** Aveiro: Universidade de Aveiro, p 15-38.1991.